

A VONTADE DE SOBREVIVÊNCIA SEGUNDO NIETZSCHE: CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A RACIONALIDADE E O AUTOCONHECIMENTO DO HOMEM¹

ANILDO DE SOUZA SILVA
Mestrando em Filosofia

Universidade Federal da Paraíba – UFPB (João Pessoa – PB, Brasil)
E-mail: anildo.br@gmail.com

Resumo: O intento primordial desse trabalho consiste em investigar de que modo Nietzsche compreendeu que o paradigma humano proposto pela tradição filosófica ocidental, a saber, um ser estritamente racional (em detrimento de seus instintos, pulsões e sentimentos), não conduz o homem ao autoconhecimento. Para empreender tal análise, toma-se como base o horizonte hermenêutico descerrado pela obra Genealogia da moral, mais especificamente, a partir de alguns aspectos de seu prólogo.

Palavras-chave: Existência. Vontade. Sobrevivência. Racionalidade.

Abstract: The primary intent of this work is to investigate how Nietzsche understood that the human paradigm proposed by the Western philosophical tradition, namely, an entity strictly rational (that snubs their instincts, impulses and feelings), does not lead the man to know yourself. To undertake such an analysis, we have as a basis the hermeneutic horizon that was presented in work ‘On the Genealogy of Morality’, specifically from some aspects of his prologue.

Keywords: Existence. Will. Survival. Rationality.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No decorrer da história da filosofia contemporânea, foram timbradas e incessantemente apregoadas diversas imagens acerca de Friedrich Nietzsche e seu modo de filosofar. Sem sombra de dúvida, a figuração mais recorrente é

¹ O presente ensaio corresponde, com adaptações estilísticas mínimas, a um trabalho apresentado na III Semana Acadêmica de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Campus de Vitória da Conquista – BA, Brasil), sob o tema: **Filosofia e Existência**, no período de 14 a 18 de outubro de 2013.

justamente aquela que apresenta tal pensador como sendo um filósofo emblemático da rebeldia. Tal efígie pode ser claramente contemplada na mui conhecida expressão de inspiração nietzschiana “filosofia a golpes de martelo”². Desse modo, por diversas vezes, destaca-se tão fortemente esse aspecto crítico do autor, que se corre o risco de destinar ao esquecimento – quando não ao descaso – o legado nietzschiano, enquanto reflexão existencial, abandonando-o à própria sorte dentro da tradição filosófica.

O presente texto investiga, sobretudo, o prólogo da obra *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887), apresentando uma direção alternativa, na medida em que não propõe uma leitura estrutural do texto, mas destaca uma questão filosófica nele suscitada, a saber, a crise do paradigma da racionalidade humana e como ela pode contribuir para o autoconhecimento do homem.

A INTERPRETAÇÃO NIETZSCHIANA DE HOMEM A PARTIR DA VONTADE DE SOBREVIVÊNCIA

Em toda a história da tradição filosófica ocidental, desde o seu começo clássico, passando a era medieval da denominada “filosofia cristã” e, finalmente, nas épocas moderna e contemporânea, a reflexão filosófica, salvo algumas raríssimas exceções, sempre se pautou na determinante importância da racionalidade como o princípio primeiro e último de explicação da existência como um todo. Desse modo, segundo a referida tradição, a razão, incessantemente, se apresenta como sendo o critério explicativo do mundo, da vida e do homem. Em palavras diversas, a filosofia ocidental engendrou um paradigma interpretativo para a totalidade existencial e esse parâmetro se constitui precisamente na racionalidade humana; logo, todo e qualquer elemento distinto da razão deve ser desdenhado enquanto subsídio de explicação da vida. Nessa direção de demonstrar a escolha exclusivista que a filosofia empreendeu pela racionalidade, assim escreve o professor Marconi Pequeno (2002, p. 80 – 81):

Ao negar a evidência inelutável do *pathos* como elemento constitutivo das nossas tomadas de decisão, a filosofia preferiu se confiar ao universo da racionalidade. Regido por sua vocação logocêntrica, o

² Alusão à parte do subtítulo da obra nietzschiana **Crepúsculo dos ídolos**, ou, Como se filosofa com o martelo (1888).

pensamento filosófico referia-se às paixões apenas para denunciar seu aspecto deletério. A filosofia ignorou assim a positividade das paixões na constituição da personalidade dos indivíduos.

Em uma senda semelhante, apresenta-se, de um modo inovador e desafiador, a perspectiva nietzschiana, pois, segundo a mesma, a razão deve adquirir outra valoração. A racionalidade, a partir de Nietzsche, é compreendida não como aquilo que é o mais precípuo no humano, mas sim como uma espécie de artefato tardio de algo ainda mais primitivo, mais originário, a saber: a vontade de sobrevivência.

Nessa ótica hermenêutica, Nietzsche vislumbrará alguns aspectos anteriores à racionalidade e que foram determinantes para a formação do homem. Assim, a vontade de poder ser (ou “vontade de potência”) será entendida como uma força imanente³ que entremeia e edita tudo o que existe, ou seja, todas as coisas possuem uma, por assim dizer, vontade de impor a sua permanência individual na existência. Por exemplo: uma árvore possui a “vontade” de continuar existindo, isto é, não há nela, ou em qualquer outra coisa existente (pelo menos, naquelas que não padeçam de alguma patologia), o desejo de autodestruição.

A partir dessa interpretação “cosmológica” da vontade de poder, Nietzsche compreende que a mesma engendra nos seres vivos – e isso obviamente inclui o homem – a vontade de sobrevivência, isto é, todo ser vivente possui a vontade de estender a sua presença na vida, de continuar prolongado o seu viver ao máximo de tempo possível. Consequentemente, haverá a aparição da afirmação da vida também por parte do ser humano.

Contudo, ao experimentar a vida, o homem percebe, diferentemente de outros seres viventes, que não possui certas ferramentas que lhe possibilitem, diante dos desafios impostos pela própria natureza (tais como, as intempéries do tempo, o confronto com as bestas selvagens etc.), zelar mais adequadamente pela sua sobrevivência. Porém, a vontade de sobrevivência criou um instrumento

³ Nesse sentido, a interpretação à noção nietzschiana de vontade de poder – aqui proposta – arriscadamente dista, em certa medida, da célebre e minuciosa hermenêutica empreendida por Martin Heidegger em sua obra **Nietzsche** (1961), na qual o pensamento nietzschiano é contemplado como sendo a última das reflexões metafísicas da tradição filosófica, pois – segundo Heidegger – Nietzsche questionara a verdade, mas não o valor da verdade; bem como a arte funcionaria no pensamento nietzschiano como uma espécie de portal de acesso à verdade (Cf. HEIDEGGER, 2010, p. 5 – 195). Assim sendo, a vontade de poder nietzschiana será entendida, na ótica de Heidegger, como um conceito metafísico, logo não imanente; o inverso da perspectiva aqui aventada.

fundamental para a concretização prática da afirmação da vida no homem. Esse dispositivo é a razão. Ela é uma espécie de ferramenta presente no homem e que foi criada nele pela vontade de sobrevivência para que o mesmo possa solidificar a sua afirmação da vida, isto é, para que ele possa criar possibilidades de sobrevivência. Portanto, em última instância, existe algo que é, por assim dizer, mais fundamental no homem (no sentido de ser mais arcaico), algo que antecede a sua própria racionalidade, a saber, a vontade de sobrevivência enquanto manifestação da imanente vontade de poder ser.

Dessa maneira, para o pensamento nietzschiano, definitivamente, a razão, entendida de modo isolado e absoluto, não pode ser o sustentáculo hermenêutico para a compreensão do homem, pois se assim o fosse, ele deveria ser compreendido como um ente estrita e essencialmente racional e, então, se contemplaria confusamente o produto como sendo o produtor; e tal racionalidade servir-lhe-ia como sendo a sua diferença específica para os demais seres do mundo. Entretanto, note-se que Nietzsche não se encaminha nessa direção; mas, ao contrário, entende que antes de se soerguer o edifício da razão, é preciso compreender os alicerces sobre os quais tal construção se encontra fundada. Esses alicerces, de acordo com a visão do filósofo, são a vontade de poder ser e a vontade de sobrevivência, da qual a racionalidade é apenas um modo de manifestação.

Assim, através de um argumento que procura ver uma sequência entre a vontade de poder ser, perpassando pela vontade de sobrevivência e chegando-se, enfim, à racionalidade, Nietzsche busca interpretar o ser humano como um ente que não se encontra circunscrito nas fronteiras da razão, mas sim como um ente que vai para além disso, pois o mesmo ainda possui a arcaica e latente vontade de continuar vivendo.

Essa argumentação nietzschiana não se constitui como um apelo à gradação de perfeição – tal qual faz Agostinho de Hipona, ao falar dos níveis da realidade (Cf. AGOSTINHO, 1995) –, como se a razão fosse um estágio de excelência mais elevado, o qual sucederia a vontade de sobrevivência. Mas, ao contrário, o argumento de Nietzsche sequer resvala na noção de perfeição. O filósofo alemão não está investigando a hipótese de que, com o desenvolvimento da racionalidade, o homem tornou-se mais perfeito do que outrora, pois o foco aqui é outro, a saber: o homem, para sobreviver, necessitou desenvolver o aparato da racionalidade e continua sendo mais do que aquilo que ele produziu, ele é mais do

que a simples razão (lógos). A alegação nietzschiana parece ser de cunho quase filogenético⁴ e não de graus de perfeição; afinal, como é sabido, para ele, houve na evolução humana a incorporação de comportamentos de base não racional (por exemplo, as emoções) que foram constituídos para garantir a sobrevivência do homem. Assim, é possível detectar a presença de uma espécie de racionalização das emoções. Elas são, portanto, uma fonte de interpretação da realidade, ao revelar que o indivíduo, ao ser afetado pelo mundo, responde com comportamentos que visam garantir a sua sobrevivência.

Portanto, as influências do corpóreo e dos elementos “pré-rationais” (tais como a vontade de sobrevivência e as emoções) são imprescindíveis para as respostas do homem frente ao mundo e os seus desafios, isto é, as potências “pré-rationais” são basilares para o direcionamento comportamental humano. Nessa rota de reconhecimento daquilo que antecede a razão, escreve Pequeno (2002, p. 81):

As emoções, assim como as outras funções mentais superiores – imaginação, percepção, memória, inteligência – assumem uma importância fundamental no controle do comportamento. A natureza do nosso repertório de atitudes emocionais não depende apenas de nossas funções cerebrais, pois o corpo e a percepção que dele temos se constituem como elementos fundamentais para a configuração das respostas emocionais.

38

Contudo, é indispensável ressaltar que Nietzsche não está decretando, ou mesmo declarando, o triunfo do irracionalismo como princípio de ajuizamento da existência humana; ao invés disso, o pensador contemporâneo adverte para a necessidade de se compreender que o homem, para que possa lograr a racionalidade, deverá compreender os seus fundamentos.

Segundo a perspectiva nietzschiana apresentada no prefácio da

⁴ Termo aqui empregado em um sentido próximo ao da evolução natural postulada Charles Darwin em sua principal obra: **A origem das espécies** (1859). Contudo, far-se-á ordinário destacar que Nietzsche não se entende como um pensador próximo às teorias darwinistas, isso devido a basicamente três motivos por ele alegados, a saber: a) No evolucionismo proposto por Darwin, segundo o autor alemão, a ideia de luta pela sobrevivência – na vivência humana – seria uma criação de homens decadentes, os quais tentam evitar o seu próprio desaparecimento (Cf. NIETZSCHE, 2001, p. 243 – 244); b) Igualmente e por consequência, a evolução humana na história cultural do Ocidente, para Nietzsche, não ocorreria pela adaptação dos mais fortes, mas – ao contrário – os mais frágeis, os mais débis, isto é, os decadentes (“aqueles que são dotados de muito espírito”) sujeitaram os mais vigorosos (“aqueles que esbajam a afirmação do viver”) à sua dominação (Cf. NIETZSCHE, 2006, p. 71 – 72); e c) A interpretação imprecisa de alguns eruditos contemporâneos a Nietzsche, os quais – de acordo com o próprio autor – confundiram a sua imagem-conceitual de *Übermensch* (termo que, em alemão, significa “sobre o homem” ou “além do homem”) com darwinismo (Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 55 – 58).

Genealogia da moral, o homem moderno ocidental, ao contrário daquilo que se imagina, não possui o conhecimento da verdade acerca de si mesmo.; pois, para Nietzsche, existe uma espécie de “auto-desconhecimento”⁵ de si mesmo; não na acepção de uma privação de conhecimento de si próprio, mas sim enquanto um juízo errôneo sobre si. Este “auto-desconhecimento” se deve justamente à desmedida confiança que o homem deposita em sua racionalidade enquanto absoluta matriz interpretativa de toda a existência. Nesse sentido, o homem cogita inexatamente que conhece a si mesmo através do uso da faculdade da razão; acredita ter atingido o seu autoconhecimento, por ser racional. Todavia, tal convicção humana se configura em um erro ou, no mínimo, em uma imprecisão, devido à sua parcialidade hermenêutica, afinal, a confiança cega no ponto de vista da razão não consegue perscrutar aquilo que ele é em verdade e totalidade. É justamente nesse rumo do “auto-desconhecimento” do homem, advindo da certeza resoluto que ele fia sobre a razão, que escreve o filósofo no prefácio da *Genealogia da moral*: “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?” (NIETZSCHE, 1998, p. 7).

Enfim, como já observado, segundo Nietzsche, não é possível compreender o homem apenas como um mero ser racional. Afinal, a sua tão exaltada racionalidade caracteriza-se como sendo uma espécie de decorrência recente de algo mais primitivo. Por isso mesmo, para Nietzsche, tentar compreender cabalmente o homem como um ser de conhecimento – isso evidentemente através do uso exclusivo do primado da razão – se constitui em uma inexatidão incomensurável. Em outros termos, segundo a lógica argumentativa do pensador alemão, o ser humano jamais deverá ser compreendido como sendo um tipo de ente substancialmente dotado e caracterizado privativamente pela racionalidade.

⁵ Em consonância com aquilo que é sustentado pelo tradutor brasileiro das obras nietzschianas Paulo César de Souza, o termo desconhecimento – aplicado no neologismo “auto-desconhecimento” do presente texto – corresponde ao verbete “desconhecimento” utilizado por Nietzsche em diversas obras suas (em alemão, desconhecimento grafa-se *Verkenntnis*). Ora, *Verkenntnis* fora uma palavra cunhada por Nietzsche e não significa a privação ou a negação de um conhecimento devido, mas sim “[...] o não perceber, o não reconhecer, errar no julgamento, conhecer erradamente, trocar uma pessoa por outra [...]”; haja vista não exista o verbo desconhecer (no sentido de negação ou de privação do conhecimento) na língua alemã (Cf. NIETZSCHE, 1992, Nota do tradutor n.º 22, p. 220). Em suma, o referido desconhecimento de si mesmo do homem, segundo a ótica nietzschiana, ocorre devido ao fato de que – através do paradigma da racionalidade – o ser humano conhece-se de um modo equivocado. De sorte que o homem torna-se um estranho a si próprio.

Nessa direção, Nietzsche postula que o homem manifesta-se, antes de tudo, como um ser que sempre busca viver e, conseqüentemente, esse mesmo homem evidencia-se como sendo um ser que ordinária e ininterruptamente procura afirmar a vida, melhor dizendo, procura sempre afirmar o seu próprio viver. Eis aqui, por conseguinte, uma possível interpretação do homem, subjacente no pensamento nietzschiano, sob a iluminação (evidentemente natural ou imanente) da vontade de poder ser e sua manifestação por intermédio da vontade de sobrevivência.

Assim, até naquilo que diz respeito a comportamentos aparentemente racionais (tais como, o julgamento), há uma influência decisiva de elementos “pré-racionais”, pois o homem responde aos estímulos do mundo a partir de sua leitura racional desses mesmos fomentos; embora essa interpretação ocorra a partir do modo como o homem sente-se ou não (eis aqui um juízo) desafiado em sua sobrevivência por tal provocação da existência.

O ENTORNO DO HOMEM COMO OBJETO DE CONHECIMENTO DA RAZÃO

40

Recapitulando o que fora visto até aqui, a lógica de valorização da vontade de sobrevivência é algo imprescindível ao desenvolvimento da espécie humana. Segundo o filósofo alemão, o homem perenemente arroga sobre si a qualidade de um ser que sempre deseja viver, entretanto, o mesmo se percebe desprovido de ferramentas úteis e necessárias para tal intento. Por exemplo: o homem não possui a destreza física, inerente a outros animais, que lhe possibilitasse preservar a sua vida frente às adversidades do mundo. Compondo-se como um ser que sempre quer viver, mas concomitantemente desprovido dos diversos recursos naturais para a manutenção da vida – dos quais os animais dispõem de aparatos bem mais adaptados e sofisticados para enfrentar as adversidades da natureza –, o homem engendra a razão como um tipo de mecanismo a ser utilizado a fim de garantir-lhe a sobrevivência. Assim, algo não racional (a vontade de sobreviver) esculpiu a racionalidade humana de tal maneira que até os juízos racionais são delineados a partir dessa força “pré-racional”.

A razão do homem possui um objeto específico para se debruçar, e esse mencionado objeto de atenção da racionalidade é justamente a realidade

circundante ao ser humano, isso com a finalidade de garantir-lhe as condições necessárias para a sua sobrevivência. Logo, a razão serve rigorosamente para o conhecimento daquilo que é externo ao ser humano. Por intermédio da racionalidade, o ser humano conhece exclusivamente objetos que não detêm identidade com ele próprio, isto é, a razão conhece unicamente aquilo que não é o homem (o “não-homem”). De sorte que, segundo Nietzsche, estagnando-se na racionalidade, o homem jamais conhecerá a si próprio em sua completude. Portanto, é preciso que o ser humano dê um passo além das fronteiras da racionalidade para perceber que a razão não se constitui como sendo a derradeira e absoluta palavra naquilo sobre o seu autoconhecimento, afinal, a razão não se erige como sendo aquilo que há de mais essencial no homem.

É claro que nessa crítica à tutela irrestrita da racionalidade como forma paradigmática de interpretação ou compreensão do homem, Nietzsche estabelece duas de suas peculiaridades filosóficas; a primeira é caracterizada como uma dupla negação; a segunda é erigida como uma afirmação. As duas singularidades nietzschianas aqui referidas são as seguintes: a) Nietzsche salienta uma robusta negação à postura do “socratismo” (tal como ele o entende) e a recusa ao seu protótipo de homem teórico; e b) postula uma afirmação determinante: para além do limiar da racionalidade, existe algo mais íntimo e, por isso, mais fundamental para a interpretação do homem: a força pulsante de sua vontade de sobrevivência.

Sendo assim, um elemento anterior à racionalidade, que aprimora o homem, encontra-se vinculado à conduta normativa do mesmo. Através da vontade de sobrevivência, o homem emite juízos sobre o mundo, ele lhe atribui valoração, normatizando, inclusive moralmente, o que é bom e o que é mal – discussão que será retomada mais à frente nesse ensaio⁶.

A EXCLUSIVIDADE DA RAZÃO CONDUZ O HOMEM AO DESPREZO DE SUAS EXPERIÊNCIAS

O uso indiscriminado e eliminatório da razão por parte do homem, com o propósito de alcançar um pretense autoconhecimento, será hostilizado por Nietzsche por provocar no ser humano um verdadeiro desdém pelas suas próprias

⁶ Cf. item VI – A vontade de conhecimento direciona o olhar ao valor dos valores morais.

vivências. Ora, se a razão serve, sobretudo, para conhecer aquilo que é externo, o que não é o homem, as vivências, que ocorrem com o ser humano e se tornam parte integrante dele, serão ignoradas pelo próprio homem, quando embevecidas restritamente por intermédio da razão. A respeito da falta de apreço e até da repulsa da pessoa humana para com as suas vivências, assim se expressa o filósofo alemão:

Quanto ao mais da vida, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos o nosso coração – para elas não temos ouvidos. (NIETZSCHE, 1998, p. 7, grifos do autor).

Ora, se existe uma decisiva disparidade entre a razão e as vivências humanas, isso indica que o homem – ao agarrar-se exclusivamente ao paradigma da racionalidade, sem perceber que a razão é produto de algo maior e precedente a ela (no caso, a vontade de sobrevivência) – tornar-se estranho e distante de si mesmo. Aliás, naquilo que concerne ao estranhamento e ao distanciamento do homem de si mesmo, Nietzsche (1998, p. 7 – 8) postula o seguinte:

[...] continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, *temos* que nos mal-entender, a nós se aplicará para sempre a frase: “Cada qual é o mais distante de si mesmo” – para nós somos “homens do desconhecimento” [...]. (grifos do autor)

Nessa linha interpretativa, o autor da *Genealogia da moral* compreende que a verdade, tão almejada pelo homem, não se constitui em uma mera adequação de sua razão às coisas. Isto porque sequer a questão da verdade está em jogo no perspectivismo do pensamento de Nietzsche; para ele a existência é absurda (conserva bases não racionais), logo não há qualquer sentido ou verdade nela e sobre ela. Assim, o máximo que se pode fazer é engendrar uma interpretação que ofereça uma significação ilusória à própria existência: uma hermenêutica estética (ou seja, que se relacione com a sensibilidade) que se caracteriza como sendo bela e sublime, o suficiente para propiciar a afirmação da vida por parte do homem, frente à falta de sentido do existir. Essa interpretação estética alude para uma significação existencial através da vontade de sobrevivência do homem. E esta, por sua vez, é produto da vontade de poder presente em toda e qualquer

expressão da vida. Logo, ao tratar da vontade de poder, o objeto focado por Nietzsche não é simplesmente o ser humano, mas toda a existência.

Numa espécie de argumento próximo à filogenética, Nietzsche postula que a vontade de sobrevivência utiliza da razão ao seu favor a fim de alcançar a sua meta, a saber, convocar o homem a afirmar o viver. Dessa maneira, a referida vontade de sobrevivência predomina no homem de tal modo que ele pode *controlar* sua manifestação, mas – salvo alguma disfunção – ele não pode *impedi-la*, pois a vontade de sobrevivência e a afirmação da vida predominam nele e em seu existir. Por conseguinte, a vontade de sobrevivência – antecipando-se à razão – funda o homem como um ente que quer, antes tudo, continuar vivendo, de sorte que a apatia frente à vida (inclusive, em prol de ideais ascéticos) será entendida como algo desumano e decadente ou, no mínimo, doentio.

A VONTADE DE SOBREVIVÊNCIA COMO VIGOR GERADOR DA RACIONALIDADE HUMANA

De acordo com o pensador alemão, pode-se afirmar que para continuar vivendo, o homem segue o instinto (ou a pulsão) da vontade de sobrevivência e inventa, para si mesmo, a razão com as suas faculdades: previsibilidade, possibilidade de cálculos, racionalização, compreensão estável etc. Em suma, segundo Nietzsche, o homem gera a razão estratégica e instrumental a fim de tentar mais adequadamente garantir, a si mesmo, o viver.

A partir das faculdades racionais acima citadas, surge a vontade de conhecimento, ou seja, o desejo de compreender mais profundamente o mundo circundante e assim poder lidar melhor com o mesmo, sempre tendo à frente dos olhos a autopreservação.

Para Nietzsche, a partir da vontade de conhecimento, desabrochará a vontade de verdade, isto é, o desejo humano de alcançar uma espécie de conhecimento absoluto, perfeito, imutável e eterno. Enfim, em um encadeamento de elementos volitivos (as vontades de poder, de sobrevivência, de conhecimento e de verdade), originaram-se a filosofia e a metafísica. Dessa maneira, segundo a hermenêutica nietzschiana, até o mais abstrato dos projetos da racionalidade (a empreitada metafísica de investigação pelo ser) tem suas fundações em algo não racional, em um sentimento volitivo, em uma vontade.

Aliás, a vontade de conhecimento e a vontade de verdade assinaladas por Nietzsche se encontram primordialmente inseridas no campo dos instintos humanos, dos impulsos naturais, das pulsões, da imanência do mundo e do corpóreo; logo não se encontram no âmbito das afirmações puramente metafísicas ou transcendentais, tal qual sobrevém na tradição filosófica. Portanto, pode-se inferir que, para conhecer a si mesmo, o homem, impreterivelmente, deve dedicar-se a compreender não só a sua racionalidade, mas também, simultaneamente, embrenhar-se na vontade de sobrevivência que nele pulsa; o ser humano não deve dedicar-se simplesmente esquadrihar o fruto da sua vontade de viver, o qual fora histórica e conceitualmente denominado “intelecto”, nem deveria empenhar-se tanto em meramente mapear a geografia mental do seu entendimento.

É justamente embrenhando-se nessa direção de complementariedade entre a vontade de viver e o seu fabrico (a razão), que o homem perceberá que esse o último desvela a vontade de conhecimento e a vontade de verdade. Em outras palavras, o homem, ao perceber que é dotado com a racionalidade, concomitantemente percebe que nele existe uma vontade de conhecimento, uma força volitiva que o impulsiona a buscar entender melhor a si mesmo. E, assim, percebe que a razão, enquanto artefato da vontade de sobrevivência, possibilita e instiga nele próprio a vontade de conhecer as coisas.

No que tange o conhecer humano, Nietzsche afirma que quando se quer conhecer algo especificamente – por exemplo, uma noção conceitual da moralidade –, este referido querer não advém de alguma coisa isolada, mas, ao contrário, todo e qualquer processo investigativo é fruto direto de uma única e mesma raiz que é justamente a vontade de conhecer. A vontade de conhecimento apela para algo ainda mais primitivo, a vontade de sobrevivência, que é entendida enquanto exibição da primordial vontade de poder, isto é, manifestação da própria existência, a qual, em todo o tempo e lugar, sempre busca afirmar-se.

Pode-se concluir que a razão é uma faculdade estrutural no ser humano, sobretudo, devido a sua crucial importância estratégico-instrumental para a conservação da vida. Todavia, é necessário perceber que a mesma opera a partir de um impulso volitivo, não racional e anterior a ela. Desse modo, o mundo afeta o homem, instigando-lhe a sua vontade de sobreviver, e este, por sua vez, busca reagir o mais adequadamente possível por intermédio do utensílio mais aprimorado que possui, a saber, a razão. Nesse processo, soergue-se um grau cada

vez mais envolvente de implicação entre o homem e o mundo. Logo, há uma espécie de “pré-consciência” do homem, a qual se caracteriza pelo fato do ser humano perceber que ele existe como um ente que persegue ininterruptamente o prolongamento de sua vida. Ou seja, ao experimentar a vontade de sobrevivência, o homem toma “consciência” (ainda que não racionalizada) de sua própria existência e do seu modo de vida no mundo. Enfim, em uma exceção à meditação até aqui encadeada, pode-se fazer uma aproximação, fugaz e não muito rigorosa, ao pensamento de Heidegger exposto em *Ser e tempo* (1927), apenas para ilustrar o argumento neste instante proposto, a saber, que os óbices proporcionados pelo mundo estimulam a vontade de sobrevivência do homem e o conseqüente emprego do aparato da racionalidade para tal fim: nesse rumo, é possível declarar que o homem, ao experimentar a vontade de sobreviver e ao utilizar a razão para concretizá-la frente aos desafios da existência, percebe-se implicado com o mundo, ou seja, o ser humano se concebe como um “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 90 – 102)⁷.

Em suma, é a partir da integração entre a vontade de sobrevivência e a racionalidade que o homem procura, estrategicamente, responder, de modo mais pertinente e efetivo, às ameaças e afrontas que o seu meio lhe impõe, assim, interagindo com o mesmo.

A VONTADE DE CONHECIMENTO DIRECIONA O OLHAR AO VALOR DOS VALORES MORAIS

Fitando com mais esmero a vontade de conhecer, Nietzsche demonstra que existe no homem uma preocupação fundamental. Afinal, todas as pessoas, em algum instante determinado de sua existência, irão pensar (portanto, terão vontade de investigar) a respeito dos valores bom e mau, isto é, em algum momento, todo homem busca conhecer o que é considerado bom e o que é tomado como sendo mau. E mais, tal vontade de conhecimento acerca do bem e do mal

⁷ É fundamental assinalar que esta alusão ao pensamento heideggeriano não diz respeito à sua interpretação acerca da filosofia de Nietzsche, limitando-se à sua “analítica existencial do *Dasein*”. Enfim, a curta indicação à reflexão de Heidegger acerca do “ser-no-mundo” foi instrumentalizada para ilustrar o argumento nietzschiano de que o homem tem a eclosão de sua vontade de sobrevivência através e a partir dos desafios que a existência lhe impõe através de sua interação para com o mundo.

desembocará no desejo de conhecer a origem de tais juízos de valores, ou seja: de onde vêm o bem e o mal. Contudo, segundo a reflexão nietzschiana, o problema é que as pessoas, quando pensam na origem desses valores, são pueris, pois elas ficam estagnadas nessa etapa da investigação e se esquecem de progredir inquirindo-se acerca de algo, segundo ele, ainda mais medular, a saber: qual o sentido dos valores? ou – em linguagem nietzschiana – qual é o real valor dos valores?

Portanto, fica evidente, nessa etapa da investigação especulativa, que o filósofo alemão não quer simplesmente buscar a origem dos valores morais, mas ele quer algo muito mais árduo e honroso, isto é, Nietzsche quer saber qual é a origem e, sobretudo, a fundamentação do valor dos valores morais. Eis aqui o problema central a ser abordado por Nietzsche em várias de suas obras como, por exemplo, na *Genealogia da moral*. Inclusive, o célebre argumento da vivência histórica de duas morais distintas – analisadas genealogicamente por Nietzsche –, a moral do forte e a moral do fraco, apontam para o desenvolvimento de uma série específica de sentimentos: os sentimentos morais, os quais podem ser apreendidos por intermédio da cultura, na própria experiência histórica da humanidade (Cf. NIETZSCHE, 1998, p. 17 – 46).

A problemática inerente ao valor dos valores morais na filosofia nietzschiana (inclusive, com o debate acerca da formação e do aprendizado dos sentimentos morais) se compõe em uma amplidão significativa, por isso esse tema é dignitário de ser abordado numa investigação posterior.

Porém, de modo muito sintético e pouco rigoroso, pode-se afirmar que, segundo a ótica de Nietzsche, a moral encontra-se intimamente relacionada à vontade de sobrevivência, afinal essa última engendrou a razão, a qual, por seu turno, propicia ao homem elaborar subterfúgios para continuar vivendo, isso através de julgamentos que o próprio ser humano faz acerca do seu mundo circundante. Ora, a moralidade que, de acordo com o pensador contemporâneo, orbita em torno das noções conceituais de bem e mal, é justamente uma valoração do mundo, isto é, ela se caracteriza como sendo um julgamento da existência, daquilo que se encontra no entorno do homem; como todo julgamento advém da razão, e essa provém da vontade de sobrevivência, é oportuno declarar que a moral indiretamente – pois há óbvia intermediação da racionalidade – também fora arquitetada por uma forma de erupção da vontade de sobrevivência no homem.

Nessa direção, Nietzsche igualmente compreende que tanto a filosofia tradicional, bem como a sua inédita crítica à moral vigente no Ocidente (a moralidade judaico-cristã) são resultados da força volitiva que atua no homem. A fim de elucidar tal assertiva, assim registra Nietzsche (1998, , p. 8) no prólogo à *Genealogia da moral*:

O fato de que me ateno a eles ainda hoje [referindo-se aos seus pensamentos sobre a origem da moral e o valor dos valores morais], de que eles mesmos se mantenham juntos de modo sempre firme, crescendo e entrelaçando-se, isso fortalece em mim a feliz confiança em que não me tenham brotado de maneira isolada, fortuita, esporádica, mas a partir de uma raiz comum, de algo que comanda na profundidade, uma *vontade fundamental* de conhecimento que fala com determinação sempre maior, exigindo sempre maior precisão. Pois somente assim convém a um filósofo. (grifo do autor)

Em uma perspectiva que pode ser aproximada à argumentação de Nietzsche, Michael Stocker e Elizabeth Hegeman afirmam, no texto intitulado *O valor das emoções*, que um elemento “pré-racional” (no caso, não exatamente a vontade de sobrevivência nietzschiana, mas sim a emoção) direciona, em certa medida, o julgamento do homem sobre as circunstâncias da vida e que tal julgamento é de ordem moral (no sentido de que se valoriza algo, mesmo que necessariamente não se esteja em sintonia com o valor em si da coisa julgada), bem como indica a natureza “ontológica” dos valores desvelados por intermédio das emoções. A esse respeito, assim se expressam Stocker e Hegeman (2002, p. 90):

Voltemo-nos agora para algumas questões sobre a *natureza “ontológica” dos valores revelados pelas emoções*. Elas podem mostrar o ato de *valorizar*, em vez dos valores: como uma pessoa valoriza algo, não o valor que alguma coisa tem ou que ela pensa ter. Às vezes, as pessoas dispõem de emoções que contêm e revelam valorações, não valores; e às vezes elas possuem emoções que denotam falta de valoração, mesmo diante de um valor reconhecido. (grifos dos autores)

Em suma, parece que o julgar do homem sobre a vida (seja em Nietzsche ou em Stocker e Hegeman) encontra-se pautado em um arcabouço “pré-racional”, seja ele o emocional, como no caso dos últimos autores, seja na vontade, como postula o filósofo alemão estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando o prólogo de sua Genealogia da moral, Nietzsche faz uso de uma imagem, no mínimo, inquietante: a imagem de um animal ruminante (mais rigorosamente, a imagem de uma vaca). Parece que tal representação imagética se constitui como sendo um instrumento a ser utilizado como uma espécie de alegoria, a qual detém em si o intuito profilático de lembrar ao homem moderno e ocidental (que almeja se definir ou se categorizar como sendo unicamente um tipo de ser substancial e estritamente racional) que, em verdade, ele se caracteriza como um animal repleto de pulsões, instintos, sentimentos e emoções, portanto sendo um ente orientado pela vontade de sobrevivência a sempre afirmar o seu viver.

Em suma, a figuração da vaca – ente não racional –, em comparação ao homem, alude para a importância de elementos “pré-rationais” no ser humano, os quais se manifestam no corpóreo, possibilitando a percepção sensorial e assim envolvendo tanto aquele que percebe (o homem), como o que é percebido (o mundo) e a própria ação de perceber (a interação do homem com o seu entorno). Ora, a percepção é uma valoração, pois ao perceber o mundo, o homem o julga. E, a partir desse julgamento, haverá uma intervenção daquele que aquilata a existência, isto é, ele irá reagir àquilo que afetou a sua percepção, inclusive, ele tanto poderá apreciar como também refutar moralmente o que fora contemplado, tendo em vista que o homem pode deliberar se um determinado ente ou fenômeno do mundo que lhe imprimiu um afeto sensorial é ou não benéfico para a sua subsistência; e a partir desse seu ajuizamento moral, poderá responder ao fomento por ele percebido. Em decorrência desse primeiro arbítrio de moralidade, poderão ser desenvolvidos diversos outros julgamentos e atos, os quais irão constituir e alicerçar o próprio comportamento moral do ser humano. Eis aqui, portanto, a relação entre a vontade de sobrevivência (força volitiva e não racional) e a moralidade.

Nessa lógica argumentativa, Nietzsche não desdenha a racionalidade, ele apenas reinterpreta o seu lugar no desenrolar do viver do homem. Afinal, como fora outrora observado, a vontade constante de afirmar o próprio viver irá,

primordialmente, conferir ao homem o seu caráter de humanidade, pois um sujeito que não busca afirmar a sua vida, segundo Nietzsche, afasta-se daquilo que pode ser interpretado como sendo o humano.

Sintetizando, poder-se-á inferir que o homem é apreciado, no pensamento nietzschiano, como uma espécie de ser que sempre pleiteia sobreviver, isso antes mesmo de ser (na linguagem da tradição aristotélica) um “animal racional”. Entretanto, é válido ressaltar que tal afirmação não significa a defesa de uma soberana preeminência da vontade em detrimento da razão. Essa dicotomia entre a racionalidade e a vontade não se faz presente no pensamento de Nietzsche; ele simplesmente – em oposição à tradição filosófica, pelo menos àquela anterior a Alexander Baumgarten e sua obra *Estética* (1750) – não trata os elementos não racionais com desprezo. Na verdade, Nietzsche reputa as vontades de poder e de sobrevivência como sendo os primeiros passos em direção à racionalidade; não como elementos dotados de um menor grau de perfeição, mas sim como fatores que antecedem e desencadiam a própria razão humana. Enfim, há nessa elucubração nietzschiana não uma irracionalidade, mas, ao contrário, um avultar (de cunho semelhante à argumentação filogenética) de um “ir à racionalidade”.

Ademais, por intermédio da metáfora da vaca, o filósofo parece igualmente querer rememorar que, nos tempos hodiernos, o homem abdicou de realizar uma de suas atitudes fundamentais, a saber: a ação de ruminar (insígnia de um fenômeno “pré-racional”); entretanto, o homem deve ruminar meditativamente sobre a vida – provável influência da filologia no pensamento nietzschiano, como modo lento de leitura (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 23). Em outros termos, para Nietzsche, o homem deve constantemente retomar a reflexão acerca de toda a existência, a qual reputa um prestígio cabal ao devir, sempre a partir das vontades de poder, sobrevivência, conhecimento e verdade. Para tanto, o homem deve buscar sempre ruminar meditativamente todas as suas noções acerca da realidade e de si mesmo, pois é possível que através da ruminação reflexiva (continuamente fazendo memória que a razão provém da vontade de sobrevivência) o homem talvez possa ensaiar um “conhecimento” de si mesmo. Desse modo, o filósofo da transvaloração dos valores sobreleva a necessidade da construção de certa hermenêutica ruminante acerca da realidade existencial como vereda plausível para o autoconhecimento humano. Acerca da necessidade de ruminar meditativamente, assim escreve o filósofo em foco:

É certo que, a prática desse modo de leitura como *arte* [referindo-se, nessa ocasião, aos aforismos – forma corriqueira com que escreve], faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar* [...]. (NIETZSCHE, 1998, p. 14 – 15, grifos do autor)

Por fim, é precisamente por meio do autoconhecimento advindo da vontade que o homem poderá empreender a indústria do maior projeto (ou sonho) nietzschiano: a largamente controversa transvaloração dos valores. E como o conhecer de si próprio do ser humano pode efetivar-se através da compreensão e valorização da vontade de sobrevivência, torna-se evidente que a contemporânea crise do paradigma da racionalidade se faz um vetor promissor para que o homem se interprete enquanto ente que incessantemente busca sobreviver, isto é, como parte integrante e aparição da vontade de poder, a qual permeia e configura todo o existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

50

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. (Coleção: Leste)

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, V. 1, 2010.

_____. **Ser e tempo**. Parte – I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: como se chega a ser o que é. Tradução de Carlos Antonio Braga. 2. ed. São Paulo: Escala, 2009. (Coleção: Grandes obras do pensamento universal – n.º 57).

_____. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Carlos Antonio Braga. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008. (Coleção: Grandes obras do pensamento universal – n.º 66).

_____. **Crepúsculo dos ídolos**, ou, Como se filosofa com o martelo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de

Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PEQUENO, Marconi. A moral e as emoções. In. **Revista do CCHLA**. João Pessoa, ano IX, n.º 2, 2002, p. 67 – 88.

STOCKER, Michael; HEGEMAN, Elizabeth. **O valor das emoções**. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Palas Athena, 2002.

